Para Além do Politicamente Correto: Ideologias Travestidas de Humor



Marco Aurélio Junior [1]; Daniel Calbino[1]
[1] *Universidade Federal de São João Del Rei*

RESUMO

O presente ensaio teórico tem por objetivo estudar a não neutralidade que perpassa o humor, analisando historicamente os pressupostos que perpassam a sua formação. Através das análises realizadas durante o artigo pode-se observar algumas das facetas ideológicas que transvestem o humor, como a polarização da população feita no entorno de dois grandes grupos políticos, assim como as charges utilizadas com o intuito de transmitir os pensamentos ideológicos de grupos distintos. Consequentemente o humor reproduz interesses, que podem servir tanto para reproduzir um preconceito, quanto para sustentar um valor de crítica ao status quo e a ordem predominante.

Palavras chave: Humor, Discurso, Política, Ideologia.

ABSTRACT

This theoretical essay aims to study the non-neutrality that permeates the humor, analyzing historically the assumptions that permeate its formation. Through the analysis carried out during the article we can observe some of the ideological facets that transverse humor, such as the polarization of the population made around two major political groups, as well as the cartoons used to convey the ideological thoughts of different groups . Consequently humor reproduces interests, which may serve both to reproduce a prejudice, and to sustain a value of criticism of the status quo and the prevailing order.

Key Words: Humor, Speech, Politics, Ideology.

1. INTRODUÇÃO

O discurso humorístico é construído através de grupos distintos espalhados pela sociedade, que constroem uma narrativa carregada por pressupostos. Muitas vezes apresenta um caráter preconceituoso, como em 2013, na qual um dos artistas em voga na grande mídia estabeleceu uma piada em programa da TV Bandeirantes aonde insinuava que faria relações sexuais com uma cantora famosa que estava grávida juntamente com o seu bebê. A piada gerou uma discussão sobre as fronteiras do humor e o discurso excessivo do politicamente correto.

Por outro lado, o humor pode apresentar também em certos momentos um caráter de questionamento às normas, regras vigentes, aos conceitos e costumes de uma sociedade. Observa-se nos cartuns que dirigiam críticas às estruturas hierárquicas e ou ações do regime militar nas décadas de 60, 70, 80, aos movimentos religiosos extremistas, bem como as figuras políticas presentes na sociedade, e a polarização entre "coxinhas e petralhas" nos anos de 2013 a 2016.

É neste contexto que a análise do humor se mostra um tema relevante, tendo-se em vista que as discussões sobre o politicamente correto têm crescido, merecendo maiores questionamentos. O presente ensaio teórico tem por objetivo estudar a não neutralidade que perpassa o humor, analisando historicamente os pressupostos que perpassam a sua formação, seja o humor reproduzindo atitudes preconceituosas ou mesmo contestatórias ao status quo.

O referencial teórico deste trabalho está dividido em três partes, na primeira será realizada uma breve contextualização sobre a origem do humor e sua construção social ao longo dos anos. Na segunda parte se discutirá os aspectos preconceituosos que o humor pode apresentar através do seu discurso e na parte três será analisado também o seu lado contestatório. Por fim, são tecidas as considerações finais.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Breve contextualização histórica do humor

Para que se exista o humor é necessário que haja uma percepção do mesmo, o que perpassa pela capacidade "compreensão cognitiva do material humorístico" (SHAMMI, STUSS, 1999; ADÃO, OLIVEIRA, 2010).

O humor apresenta um caráter histórico e o seu próprio entendimento acabou por se moldar com o tempo, assim como o sentido da palavra humor, que é proveniente do latim (humoris), e significa fluído, líquido do corpo humano. O seu uso durante a antiguidade tinha como intuito fazer uma relação entre os temperamentos das pessoas e os seus líquidos corporais. Segundo esse pensamento cada indivíduo possuía um caráter devido à influência dos humores do corpo humano e as doenças ocorriam devido a uma falta de sincronia desses humores (SLAVUTZKY[1]; ZILLES, 2003).

Com o passar dos anos a palavra humor, que até então era empregada como diagnóstico médico, acabou entrando em desuso, voltando a configurar no dialeto das

[1] Disponível em: <http://www2.anhembi.br/html/ead01/etica_profissional/lu05/lo1/wo-humornahistoria.htm>

pessoas apenas no ano de 1565 na Inglaterra. Inspirado por esse conceito médico, Ben Jonson lança a comédia “Everyman in his humor”, fazendo com que a palavra reapareça no vocabulário das pessoas, porém com uma nova conotação. O significado do humor reflete ao estado de espírito do indivíduo e não mais aos seus fluídos corporais (ZILLES, 2003). O autor ainda ressalta que o humor passou a fazer parte do cotidiano dos ingleses, tendo sido baseado em peças teatrais e moldando assim o humor inglês que é carregado de “excentricidade”, “perspicácia do indivíduo na visão do mundo” e “das peculiaridades de si próprio”, atuando sempre na exploração do absurdo, porém sem deixar o bom senso de lado.

Durante o século XIX surge na Alemanha um novo estilo de humor, decorrente do romantismo alemão. Segundo Zilles (2003), nessa nova concepção o humor passa a ser tratado de forma filosófica, deixando de ser exclusivamente aplicado na cena do papel artístico, sendo libertado das ironias e do trágico, que predominavam os humoristas da época, e passa a ser tratado de forma subjetiva, configurando no cotidiano das pessoas.

No Brasil, durante a transição do século XIX para o século XX o país se deparou com o surgimento do movimento conhecido por Belle Époque que foi marcada pelo acumulo de bens, pela “crença na prosperidade” e pelo coroamento do liberalismo. Esse período ficou marcado pela euforia da sociedade burguesa frente às conquistas tecnológicas que possibilitaram uma ampliação das redes de comércio por todo o globo (DAOU, 2004).

Originária na França a Belle Époque chegou ao Brasil com certo atraso e acabou perdurando até a semana da arte moderna, ao contrário do restante do mundo que teve esse movimento encerrado com a primeira Grande Guerra em 1914, e marcado por interpretações que fugiam do roteiro do humor estabelecido até então. Entretanto, a Belle Époque ficou restrita as grandes cidades, tendo tido o seu maior destaque em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo.

Ressalta-se que com a abolição e a crise cafeeira, imensas massas humanas caminharam rumo as cidades, e o pensamento defendido por alguns grupos sobre “o progresso, a abolição, a república e a democracia como a panaceia do país”, trouxe um desejo de se revolucionar o modo de vida da sociedade brasileira, igualando ao modo de se viver dos europeus, o que facilitou a implementação da Belle Époque no Brasil (PASSIANI, 2003).

O humorismo empregado na Belle Époque paulista confundiu-se com os escritores que buscavam fazer as crônicas sobre o rápido crescimento da cidade de São Paulo, em sua maioria, formados por um grupo de “cronistas de ocasião” e jornalistas que

não se enquadraram nos “cânones literários” da época, sobretudo os cânones definidos posteriormente a semana da arte moderna em 1922 (SALIBA, 2002).

Saliba (2002) ainda destaca o baixo interesse de se propagar os recursos humorísticos devido à inexistência de um meio efetivo de disseminação desses novos recursos, assim como a falta de interesse em se divulgar as obras humorísticas da época, quando elas não se “nos moldes estéticos consagrados do romance, do drama ou da epopeia”. Seus trabalhos eram amplamente divulgados em jornais e principalmente em revistas semanais como “A Rolha”, que devido a censura da época se intitulava como “um semanário independente... enquanto puder”.



Reprodução da capa de A Rolha, (12/11/1918). Fonte: SALIBA (2002).

Outro ponto relevante sobre humor moderno está no fato deste procurar acabar com as verdades absolutas regidas pela sociedade, assim como os seus valores morais. O humor moderno surge com o intuito de confrontar a sociedade moderna, tendo como escopo estar presente em todo ambiente que haja interação social, desempenhando o papel de escárnio contra as mais devassas situações do cotidiano como “a violência, a covardia, a intolerância” (CHINEN, 2010).

Observa-se assim, nesta breve construção histórica do humor, que a construção social estabelece os pressupostos que sustentam seus valores, variando de período para período, e reproduzindo interesses ideológicos distintos. Nos tópicos a seguir, serão detalhadas ideologias que podem reproduzem o humor.

2.2 A face preconceituosa do humor

Para Chinen (2010) o século XX é cercado pela “banalização do riso” e seu uso exagerado acaba por extrapolar com alguns limites antes inexplorados, como o seu uso

em situações catastróficas e desumanas. Esta banalização fez com que fosse criada uma sociedade na qual se pode tratar qualquer assunto sob a ótica humorística.

Em contrapartida Freud classifica o ato de se caçoar do outro como uma maneira de agressão permitida pelos códigos morais impostos pela sociedade, fato este que contribuiu diretamente para o sucesso de caricaturas políticas e sátiras (DA SILVA, 2015).

Dos Santos (2013) define o estereótipo como sendo uma “visão pré-determinada, equivocada e generalista”, sendo a identidade nacional classificada como o primeiro tipo de estereótipo empregado pelas charges, caricaturas e cartuns. A autora ainda revela que o estereótipo pode ser dividido em dois: reacionário, aquele que se utiliza da repetição de preconceitos, e o revolucionário, utilizado com o intuito de provocar reflexões através de críticas.

Em um recorte específico do uso de estereótipos feito por brasileiros, Triches (2007) destaca o uso de estereótipos na interpretação ou nas piadas acerca dos portugueses teve início posteriormente a assinatura da Lei Áurea. Naquela época houve enorme crescente vinda de portugueses, em sua maioria analfabetos e desprovidos de habilidades profissionais, obtendo apenas os serviços que outrora eram considerados atividades exclusivas de escravos.

Outro fator que ajudou a criação do estereótipo acerca do povo lusitano se deve a campanhas realizadas pela imprensa carioca que chegaram a pedir a expulsão dos portugueses que residiam no Brasil, sob o contexto de que os mesmos eram “elementos perniciosos ao desenvolvimento da nação” (TRICHES, 2007). A autora ainda destaca que a imprensa carioca foi a responsável por implementar no subconsciente do brasileiro a personificação do português “como um ser ignorante, porco, barrigudo, desonesto, ganancioso, imoral, explorador”, seja do ponto de vista político ou econômico, assim como tantas outras características que findam o estereótipo do português.

Segundo Queluz (2011) os “erros, trocadilhos e sotaques tornam-se motivo de risos e até de preconceitos”, deixando perceptíveis grupos distintos que habitam uma mesma região. Através dessa mistura de sotaques acaba por construir uma “crítica na mesma medida em que incorporam o alheio".

Dentre os tipos de sátiras, ressalta-se a técnica conhecida por blackface, oriundas a partir de 1900 que consistia na interpretação de pessoas de cor branca se passando por pessoas de cor negra, aumentando todos os estereótipos criados pela sociedade. A técnica foi criada nos Estados Unidos, em uma cojuntura na qual as pessoas negras ainda eram proibidas de assumirem papéis de maior relevância nos palcos.

Entretanto a técnica depreciativa não ficou restrita aos norte-americanos e portugueses. Durante o final dos anos 1960 foi ao ar uma novela na qual um ator branco era pintado de negro e se utilizava de rolhas no nariz e nos lábios para que o estereótipo do negro pudesse ser notado. Passagens como esta, acabam por exemplificar o poder constrangedor e humilhante que pode ser atribuído ao humor, assim como a alimentação do preconceito e animosidades entre grupos distintos (DA SILVA, 2015).

2.3 A outra face do humor: o lado contestatório

O humor, seja no filme mudo, no cartoon ou na charge, oferece uma arena "confortável" para explicitar uma crítica social, religiosa e/ou política. O uso do humor como estratégia para criticar permite brincar com a seriedade e o ridículo das situações (AVILA, 2007).

No que se refere ao cinema mudo, o humor empregado por Charles Chaplin está presente na crítica ao modo de produção taylorista, que explorava o chão de fábrica de época, aos sistemas totalitaristas, dentre outras críticas ideológicas.

Um dos maiores exemplos das críticas feitas por Chaplin está inserida no personagem Carlitos. Porém, esse personagem acaba sendo criado através do estereótipo da forma de se vestir dos ingleses quando o ator ainda era criança, bigodes, bengala e vestuário apertado (LOBASSI, 2011).

Segundo Lobassi, o ator "trata da luta de classes", se fazendo valer do mau comportamento da classe mais nobre da sociedade, indo do "egoísmo ao ócio", em detrimento da situação na qual as classes mais pobres viviam em sua época. Em seus filmes normalmente o poder era exercido pela elite ou pela polícia, e através do humor Chaplin zomba tanto do "capitalismo industrial", como da "sociedade burguesa" em Tempos Modernos (1936). No filme Carlitos faz uma sátira sobre o modo de produção taylorista, na qual o ser humano é tratado como uma máquina, assim como, a luta em busca da sobrevivência da sociedade moderna.

Outra forma de contestação através do humor é feita através das charges que para Maringoni (1996), faz parte de um mecanismo de compreensão de um fato narrado feito sob a ideologia, apresentados como "material de opinião". Na charge não existe um meio termo, ou o editorial é a favor ou é contra determinado assunto. O autor classifica a charge como sendo um "editorial gráfico", sendo sempre anexada nas páginas nobres do jornal.

Atualmente as charges têm sido atribuídas a campanhas políticas e ou a contestações religiosas, como foi o caso da revista francesa Charlie Hebdo, que sofreu com atentados terroristas por fazerem caricaturas do profeta Maomé no ano de 2015.

No Brasil durante a ditadura militar e mediante a truculência aplicada pelos órgãos do governo, criou-se um movimento de confrontação ao Estado denominado como imprensa alternativa. Um exemplo desse tipo de mídia está empregado no jornal O Pasquim, que foi fundado no ano de 1969 e era tido como principal modelo nesse período. Através do humor, o Pasquim demonstrava a insatisfação, mesmo que a censura da época não consentisse com discursos opositores ao regime militar (FERREIRA, 2009).

Atualmente, a maioria das charges se situam em relação a grupos políticos e ao presidente da república, quando este não agrada uma certa parte da sociedade. Observa-se ainda que devido a polarização causada por dois partidos políticos durante as eleições presidenciais do ano de 2014, se instaurou um embate humorístico envolvendo os discursos de coxinha, atrelado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e petralha, atrelado ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Segundo Michel Montanha, “Coxinha, sociologicamente falando, é um grupo social específico, que compartilha determinados valores. Dentre eles está o individualismo exacerbado e dezenas de coisas que derivam disso: a necessidade de diferenciação em relação ao restante da sociedade, a forte priorização da segurança em sua vida cotidiana como elemento de “não-mistura” com o restante da sociedade, aliadas a uma forte necessidade de parecer engraçado ou bom moço”,

Já o termo “Petralha”, surge através do colunista da revista Veja Reinaldo Azevedo que fez a junção de petista com irmãos metralha, sendo definida como “pessoa que, sem nenhum escrúpulo, não vacila em cometer todo e qualquer ato marginal à lei, como usurpar, mentir, extorquir, ameaçar, chantagear, roubar, corromper, ou que defende com ardor ladrões, corruptos, usurpadores, mentirosos, cínicos, extorsionários, chantagistas, etc. que, porém, posam de gente honesta e defensores intransigentes da ética ”.

Tal polarização política ilustra as diferenças ideológicas na charge abaixo:



[2]

Fonte: GUIA DOS QUADRINHOS, 2016.

3. CONCLUSÃO

Através das análises realizadas durante o artigo pode-se observar algumas das facetas ideológicas que transvestem o humor, como a polarização da população feita no entorno de dois grandes grupos políticos, assim como as charges utilizadas com o intuito de transmitir os pensamentos ideológicos de grupos distintos.

Seguindo esse raciocínio o discurso ilustrado também é uma ferramenta utilizada na busca pela disseminação de valores e pressupostos. À luz da discussão é relevante enfatizar que o humor não é algo neutro e a-histórico, pois está inserido em cada contexto da sociedade.

Consequentemente o humor reproduz interesses, que podem servir tanto para reproduzir um preconceito, quanto para sustentar um valor de crítica ao status quo e a

[2] http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/irmaos-metralha-(the-beagle-boys)/2373

ordem predominante. Algo que merece uma discussão que vá além do politicamente correto, atualmente em voga no discurso propagado na sociedade.

4. REFERÊNCIAS

ADÃO, T; OLIVEIRA, A. M. **Mecanismos Cognitivos e Humor: uma Atitude Linguística que Pressupõe a Inteligibilidade Mútua.** Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, set. 2010.

AVILA, L. B. B. **CADÊ A GRAÇA? INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL E HUMOR NÃO VERBAL.** Revista de C. Humanas, Vol. 7, Nº 1, p. 99-108, Jan./Jun. 2007

CHINEN, N. **A imagem do negro no humor gráfico brasileiro do século XIX até meados do século XX.** Via Atlântica, n.18, dez. 2010.

DA SILVA, R. A. **TÁ RINDO DO QUE? : RISO E RACISMO NO HUMOR TELEVISIVO BRASILEIRO NO SÉCULO XXI.** 2015. 50 f. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2015.

DAOU, A. M. **A Belle Époque amazônica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DOS SANTOS, R. P. **Quando o humor gráfico deixa de ser divertido: a veiculação de estereótipos por meio do traço.** Discursos fotográficos, Londrina, v.9, n.15, jul./dez. 2013, p.229-239.

FERREIRA, D. A. **O HUMOR COMO RESISTÊNCIA AO CONTROLE SOCIAL AUTORITÁRIO NO BRASIL PÓS-1964: REFLEXÕES SOBRE A IMPRENSA ALTERNATIVA.** XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, Recife, 2009.

LOBASSI, E. W. **O personagem Carlitos.** Revista Rumores, ed.9, v.1, jan./jun. 2011.

MARINGONI, G. **HUMOR DA CHARGE NO JORNAL: Sátira, comentário e banalização dos fatos cotidianos e da política nacional fazem parte da prática do chargista.** Revista Comunicação & Educação, São Paulo, set./dez. 1996.

MATHIAS, C. S. **É SÓ UMA PIADA. Uma breve análise sobre o *stand-up* brasileiro e o discurso preconceituoso enrustido no humor.** 2015. 29 f**.** Tese (Pós-Graduação em

Gestão de Projetos Culturais e Organização) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PASSIANI, E. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato, o público leitor e a formação do campo literário no Brasil.** Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 4, n.7, jan./jun. 2002, p. 254-270

QUELUZ, M. L. P. **O humor gráfico no início do século XX em Curitiba.** 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n. 1, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte decorativa/humorgrafico.htm> Acesso em: 07/10/2016.

SALIBA, E. T. **Raízes do riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio.**

SOUZA JÚNIOR, J. de. **Mensalão é mensallão? Um estudo crítico-discursivo sobre neologismo, expressividade e ideologia via corpora digitais.** Palimpsesto, Rio de Janeiro, v. 17, p. 1-29, 2013.

TRICHES, R. P. **A LABAREDA DA DISCÓRDIA: O ANTILUSITANISMO NA IMPRENSA CARIOCA.** Revista de Ciência Política, n.36, 2007.

ZILLES, U. **O significado do humor.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, n.22, dez. 2003.